



Complemento ao  
Curso de Sociologia do Conhecimento Texto 05

Autor: Jacob J. Lumier

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

2

---

SSE\_RIO

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

3

---

° · ) ° « ¬ ¥ Š · Ÿ « · ' Š > | ® · ~ | - | a œ

*Complemento ao*

*Curso de Sociologia do Conhecimento* **Texto 05**

Autor: Jacob J. Lumier

Editor: Bubok Publishing S.L.

- Madrid, Espanha

Depósito Legal:

ISBN papel:

ISBN ebook:

---

Website Produção Leituras do Século XXI:

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

Ficha catalográfica

Lumier, Jacob (J.) [1948]:

A Utopia do Saber Desencarnado

Complemento ao

Curso de Sociologia e do Conhecimento

Editor: Bubok Publishing S.L.,

ISBN papel:

ISBN book:

Conte m notas, citações bibliográficas.

Outubro de 2013.

Produção de e

Website Leituras do Século XXI

1. Comunicação Social. 2. Teoria

I. Título.

©2013 by Jacob (J.) Lumier

Todos os Direitos Reservados

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

5

---

# A UTOPIA DO SABER DO SA DESENCARNADO

Complemento ao  
Curso de Sociologia do Conhecimento

Por



Jacob (J.) Lumier

Autor de ensaios sociológicos  
Junato Web da OEL e Portal MEC.br



Website

[Produção Leituras do Século XXI](http://www.leituraslumierautor.pro.br)

Literatura Digital

Rio de Janeiro, 2013

---

---

Website Produção Leituras do Século XXI:

<http://www.leituraslumierautor.pro.br>

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

6

---

SSE\_RIO

### Epígrafe

*Não se pode aplicar a sociologia de Karl Mannheim sem levar em conta o problema crítico cultural do espiritualismo como teodiceia.*

### Apresentação desvio de Karl Mannheim

Neste texto, apresento o pensamento de Karl Mannheim em setembro de 2010, no grau na 'Web' de E. J. Lumier. Posteriormente, modifiquei e atualizei o texto sobre o fato de que a soc

<sup>1</sup> <http://ssfjbrforum.wordpress.com/>

---

mento e uma disciplina im-  
vir a utópica desalienaça  
ti dant-elat p r e s e n t e a d i d o p o r M a  
com " b i b e r a ç a a r e l d æ ç a t o d a e n t r e  
nhecimento e "quadro social

Posicionamento esse que  
tra r i o d a s o c i o l o g i a d o c o  
j e t a o e n t u s a ® ¤ š Ç ° « ' Ÿ « ' œ « ª ¤ j œ ¥ ©  
Ç ± ª Ç ° « ' Ÿ « - ' - ± š Ÿ ® « - ' - « œ ¥ š ¥ -

A desejada "liberação de toda a  
entre conhecimento e quadro social" não passa  
de uma pretensão que nada mais representa  
além de "uma utopia intelectual  
d e s e n c a , q u e c a r a c t e r i z a g r a v e d e s -  
vio da sociologia do conhecimento notado na  
obra de Karl Mannheim, colocado em pers-  
pectiva no presente trabalho

\*\*\*

Para a leitura proveitosa desta obra, devem no-  
tar que completa Curso de Sociologia do Co-  
nhecimento Texto 05, cuja leitura pressupõe



---

juntamente com a leitura dos textos anteriores 01, 02, 03, 04.

Cabe lembrar que em todo o presente *Curso de Sociologia do Conhecimento* a elaboração é desenvolvida com base em materiais discutidos em obras anteriores do autor, que devem ser lidas para tirar o devido proveito das seguintes: (a) *Comunicação e Sociologia* - Artigos Críticos, 2ª Edição modificada e atualizada por Bubok, Junho 2011, 143 págs. (*Cultura e Consciência Coletiva* 2, Junho 2009, pdf 169 págs. e *Psicologia e Sociologia* Fevereiro de 2008 ebook PDF 158 págs., as duas últimas publicadas na Web da Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura 4.

---

<sup>2</sup> *Comunicação e Sociologia* - Artigos Críticos, 2ª Edição modificada <http://www.bubok.es/libros/191754/Comunicacao-e-Sociologia-artigos-criticos-2-edicao-modificada> Versão E-pub free.

<sup>3</sup> [ 7 i ` h i f U ` Y ` 7 d & ] <http://www.ceics/cienciaydiversidad/spip.php?article388>

<sup>4</sup> [ D g ] W c ` c [ ] <http://www.ceics/salactsi/lumier2.pdf>

Em relação ao problema do espiritualismo ou teodiceia, que historicamente inclui o tema da história de Deus e sua justiça no mundo, e para mais informação sobre messianismo e milenarismo na história social é indispensável ler especialmente o ~~book~~ book do autor intitulado "*O Tradicional na Modernização: Leituras sobre Ernst Bloch* (Coletânea de Artigos), Maio de 2009, PDF 130 págs. (~~At~~) <http://www.oei.es/cien-ciayuniversidad/spip.php?article277>

---

## Sumário

APRESENTAÇÃO: O DESO DE KARIMANNHEIM.....	7
A UTOPIA DO SABER BENCARNADO 1.....	13
CRÍTICA DA DEOLOGIA E SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO.....	13
<i>Linhas para uma leitura crítica das orientações de Karl Mannheim.....</i>	14
<i>Os intelectuais como mediação viva.....</i>	14
<i>Os criadores de produtos ideológicos.....</i>	16
A UTOPIA DO SABER BENCARNADO 2.....	19
CIÊNCIA POLÍTICA TECNOBUROCRACIA E PRAGMATISMO EM KARL MANNHEIM.....	19
<i>O comprometimento do pragmatismo.....</i>	20
<i>Hegelianismo e Teodiceia.....</i>	22
<i>A transposição do hegelianismo.....</i>	25
<i>A paradoxal teodiceia de Hegel.....</i>	27
<i>O sistema hegeliano e sua dialética mística.....</i>	30
<i>A razão conservadora.....</i>	31
<i>Hegel canoniza o existente.....</i>	33
<i>A tendência específica da filosofia de Hegel.....</i>	34
<i>A transposição de valores.....</i>	37
TEODICEIA E CONHECIMENTO EM MAX WEBER.....	43
<i>A necessidade racional de teodiceia.....</i>	47
<i>Teodiceia e atitude revolucionária.....</i>	49
<i>Conclusão: a ficção do pleno saber.....</i>	51

---

IDEOLOGIA E SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO1.....	53
OS COEFICIENTES PRÁTICOS DO CONHECIMENTO E OS LIMITES DA ABORDAGEM CONSERVADORA.....	53
<i>Consciência sociológica.....</i>	53
<i>Os continuadores de Karl Mannheim.....</i>	58
<i>Quadro intelectual de visão do mundo.....</i>	61
<i>Os quadros sociais reais do conhecimento..</i>	63
<i>Uma aplicação da concepção conservadorista do saber</i> .....	66
IDEOLOGIA E SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO2.....	71
A CONSCIÊNCIA MISTIFICADA.....	71
<i>Teoria multidisciplinar.....</i>	71
<i>A ideologia burguesa.....</i>	74
<i>A separação do trabalho intelectual.....</i>	75
<i>Desigualdades sociais e justificações ideológicas</i>	77
<i>Consciência mistificada e consciência burguesa</i>	81
PROBLEMA SOCIOLÓGICO DA IDEOLOGIA.....	87
<i>Dialética das alienações.....</i>	91
<i>História e teodicéia.....</i>	93
NOTAS DE FIM.....	97

A Utopia do saber desencarnado  
© 2013 by Jacob (J.) Lumier  
13

---

A Utopia Do Saber Desencarnado  
Jacob (J.) Lumier

---

## P r e l i m i n a r e s

A Utopia do Saber Desencarnado

**Crítica da Ideologia e Sociologia do Conhecimento**



j © · 2 ¥ - ° š · Ÿ j · - š " 2 š £ ± š ® Ÿ š ® · š  
j · « · ¥ <sup>a</sup> ° j ® j ll. - j · - j " « · ° « Ÿ «

Tendo em vista e p s r s o e j e p a p e  
tado o o b r i e n t e l e c t u r a é p r e - e s s e  
s e n o t a e n s i n o a e v l e a a m a t o d a Ÿ ° ¥ æ š  
v i a , n a o d i f e r e n c i a e m m o  
c e p ç a o d e s s e g r v u i p g o d a p s r i v i l  
n e c e s s i d a d e s e m i n i t a e l e e d t a u a t i e s c n  
r o c r , a c c i o a m p r e e n d o m d a c l e a s t a e s o  
u r b a n a e m n o s s e c e n t a o X ( g e r e  
p e r v i s o r e s , m a x i p e ) , a t a q u e d o e m  
f a t o , e s s a r e p r e s e n t a ç a o

Enfim, Mannheim confirma a  
gelianismo sustentando que  
desse est"ma d b a ç o m o s w l i t v a d e

---

uma linha de desenvolvimento  
mantidos, passando pelo que se chama  
- j. 2.ª. « qual estaria mais de  
necessidade de adaptação.

### Os criadores de produtos ideológico-culturais

Desta **com**ma representativa  
um mediação para a situação es-  
tóricas a que o saber deve  
dor adaptado. Adonheim substitui  
questa o crítica sobre o e-  
ge (um Estado -oanssicm ed d se) o-  
cada e idealizada na convoc  
conscieo sn cii n t ecloem cot uam ses -  
tra d os vi n " ceun h afd lo a d g i r s a n d r e a n -  
cicao m a r e s a l c i i h a i s t e o r i c a .

Por contra, do ponto de vi-  
real do conhecimento, o que  
na base tanto se s s @ s s u p y s t o y  
æ ± " , š Ÿ m a c ç a o © j a « ' Ÿ š ' @ š Ÿ ¥ æ š ' ¥  
¥ a ° j " j n æ ° ± s s e ¥ , c u f l a v o x R x e c e n d o u  
a t i t a u n d e i c a p i t a l i s t a .



Com os seus i<sup>2</sup> « " ± Ç ° « ' - « " Ú ° ¥ œš  
° ± š ¥ ¯ ' - j<sup>a</sup> ° ¥ Ÿ « ' j - ° ® ¥ ° « ' Ÿ j ' œš  
° « - ' ¥ Ÿ pe « " ñ ß ¤ œ ¥ - ¥<sup>a</sup> - j ® j ' j © ' j  
© š ® œ « ' © š ¥ - ' 2 š - ° « ' Ÿ j ' ® š Ÿ ¥ œš  
° ® š > š " œ š Ÿ « ® j - ' ¥<sup>a</sup> ° j " j œ ° ± š ¥ -  
œš - ¥ ° š 2 ¥<sup>a</sup> Ç š Ÿ « - ' j ' a « ' ° j ® œ j ¥  
œš ± - š ' - ¥<sup>a</sup> £ ± " š ® ' - ® ¥<sup>a</sup> œ ¥ - š " j  
- ® « " j ° š ® ¥ ¶ š Ç ° « ' Ÿ j - - š ' œš - š

Ou seja, a radicalização dos  
trabalhadores intelectuais  
na prática é, quando  
- ¥ ° š " « ® « œ œ š © š Ÿ « ' ° j ® œ ¥ , ® ¥ « ' j  
© š Ç ó j - ' " ¥ £ š Ÿ š - ' . ' ° j ® œ j ¥ ® š ' j  
š ± ° « © š ° ¥ ¶ š Ç ° « ' ¥<sup>a</sup> Ç « ® © , ° ¥ œ  
¥<sup>a</sup> Ÿ ± - ° ® ¥ š " ¥ ¶ š Ç ° « ' £ j<sup>a</sup> j ® š " ¥ ¶  
® j - ' Ÿ š ' š ° ¥ 2 . ¥ Ÿ š Ÿ j ' œ ± © š<sup>a</sup> š

\* \* \*

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

18

---

SSERIO

## A r t i g o

### A Utopia do Saber Desencarnado

#### **Ciência política, tecnoburocracia e romantismo em Karl Mannheim.**

Alguns estudiosos da sociologia do conhecimento levam a pedagogia como porque ela é profundamente avorismo e as abordagens gicas do conhecimento.

Via de regresso à presença a proposição é

---

Como se a sociologia do  
adotou como os parâmetros  
como as funções das teo-  
Destaque, uma leitura res-  
da disciplina, a ideia equivocada  
mente como exclusivamente  
esta que, em toda a evidência  
uma simplificação impropria  
conhecimento identifi- a - ao  
nismo de Karl Mannheim

Autor muito influente nos  
VII, com sua obra "Sociologia da  
compreensão de que todo o  
gado a questões práticas,  
meteu seu pragmatismo.

### O comprometimento do pragmatismo.

Além disso, prejudicou a  
prestígio científico da  
mento de que ele foi o mais



passou a designar o conjunto  
lização, incluindo a arte,  
lidade, educação, e o pro  
Em face dessa observação,  
reza a desqualificação do  
tor em tela.

### Hegelianismo e Teodiceia.

Mas na oPrejetuandociencia  
polia tpiadratsisre saberna sdsptad  
tuações existentes na hist  
representa c"omorditosdesman  
rado, relativa"pöntel semhal-a  
mad"ontellisgemitasimæ desvi  
la"daque scarpiaaz - šd"e2 š £ ± š ® Ÿ š ® ' š  
- j ® - - j œ° ¥ 2 š ' Ÿ « ' ° « Ÿ « ' j ' « ' ¥ a

Acontece é « Ÿ e e oido por ess  
tor na o e i nspilmpa pesimceon-te  
loggiaa f onramo° « eñ o processo per  
ceptivo mais simples, que  
bem elementos estruturais  
(Gestalten), os quais, por  
a capacidade do homem para

ou consideram sentar - a b s t  
pouco compreendeu, em modo rea -  
l i , setnal a ç a e x p e r i , e c u n j c o i a e d

Na verdade Karl Marx afirmou e  
« Vãobstrastpirei, p u a e m i s t a m e n t e a  
cançado com a tomada de po  
hegeliana s u a n o m i s t i c a . d a h i s

A l e m c o b i m s b o a i s r e f o r m a ç a o h  
t o c a c o m p a r c a o d m a p r e e q u e p r o -  
s i c i o n t a r o e u s a m e d i a s ç o j i -  
« a y š ¥ - - œ x p © ® « - ± š Ÿ a s - - « œ  
chama d s a s s ® ® s - - , « s œ p š o ¥ t a -  
men b e s t a s a c u l m a s o c i o l o g i a  
- « œ Ÿ š - - c l a r a m e n t e u m a p r o j  
f l u e h i n s t a r i c a d a r a e l i t i g i d e  
o s s a u s c i t a d a e m r e f e e o r d e i - n c i a  
c e d a ¥ © - j ® © j ¥ Ÿ © ± a Ÿ «

% ± j ® Ÿ ¥ ¶ j ® š a ° j - Ÿ j - © ®  
© « - - « œ ¥ š ¥ - š - œ « ® ® j - š ç

š © š ® ® š ° « ' ° « © š Ÿ š - ' a j © ' ° š a ° «  
° , æ ± " « ± j ' - « Ÿ j © ' - j ® š - « j Ÿ ° Ÿ 2  
° ® š ® j ± - ' » « - # j j Ÿ ® j E š © ' j ' Ÿ a 2 Ÿ š  
Ÿ š © ' « ' š æ ± © - æ « a x j æ Ÿ © j a ° « ' - «  
š ± ° j a ° Ÿ æ ± j ' ® j 2 j " š © ' a š Ÿ š ' © š :  
Ç « - ' Ÿ j ' ± © ' j ± Ú Ÿ « ° © Ÿ © š " j - ® E 2  
© š ® æ š Ÿ © Ÿ j š ® Ç j Ÿ Ç ° « ' Ÿ « ' © ± a Ÿ «

De fato, na década nos anos vinte toma por referência o intelectual alemão, as influências do século dezanove pelos debates de Hegel e o idealismo da época. Tornou-se notória a influência dos estudos de Weber, a situação histórica da teoria pesada sobre a história da tecnologia. Os mesmos ambientes que sustentaram a revolução.

Por uma abordagem ou outra da concepção conspícuo do desvio da recusa de amarras







o que era utópico<sup>XVI</sup>, e o que  
Então, o problema crítico  
tualismo e o dualismo a transpo  
do hegelianismo ou do cons  
liano emriedeodluçgtoan-sa-ria  
com Mannheim no<sup>o</sup> p<sup>a</sup> o<sup>l</sup>-<sup>2</sup> e<sup>2</sup>  
- ± j<sup>2</sup> ¥<sup>a</sup> æ ± " š " « " Ÿ j<sup>-</sup> j<sup>a</sup> 2 « " 2 ¥ © j<sup>i</sup>  
Ÿ j<sup>-</sup> j<sup>a</sup> 2 « " 2 ¥ © j<sup>a</sup> ° « " Ÿ j<sup>"XVII</sup> © š " « © Ÿ  
de tal s<sup>o</sup> roet<sup>e</sup> - q<sup>o</sup> e<sup>s</sup> Ÿ « © ¥ - © «  
j<sup>o</sup> - ± š " æ «<sup>a</sup> æ j<sup>-</sup> Ç<sup>o</sup> « © Ÿ © j<sup>a</sup> - š « j<sup>o</sup> ©  
Ÿ j<sup>i</sup> š Ÿ š - ° š Ç<sup>o</sup> « " © j<sup>-</sup> ° š " æ «<sup>a</sup> - š £  
Ÿ ¥ £ © š " Ÿ j<sup>i</sup> š<sup>a</sup>, " ¥ ē m<sup>i</sup> t<sup>o</sup> e<sup>h</sup> a<sup>r</sup> ñ £  
preliminarmente objeto de  
obra desse polemico autor

### A paradoxal teodiceia de Hegel

Com efeito, o dilema tem a crítica  
no estudo desse duplo<sup>XX</sup> de  
filosofico teodiceia<sup>o</sup> Hegel<sup>o</sup> c<sup>o</sup>  
liga a sua história<sup>o</sup> a<sup>o</sup> m<sup>o</sup>

a sua visao da -leisbom-ria  
por# «š · ®j æ± - š · Ÿš · « - « - ¥ Ç ° « i  
- ± j · « - · - j · a - š Ÿ « ®j - · æ® ¥ - ° ° « -  
a š ° ± ®j ¶ š · j · « · ®j ¥ª « · Ÿš · £ ®š Ç š

Pas,capõr exemplo, acentuav  
dos crsieraa õ sempre um obsta  
ví vel para todos os filo s  
envolvido em miste rio. Heg  
teria empreendido revelar e

Em" # · ! ¥ ° « · Ÿ" «XVIII, il ē mō Ÿ « com  
Ernst Coa ssei grueirn t e : š fhj®fj ·  
- j · a ° š · a š · - ± š · Ç ¥ " « - « Ç ¥ š · Ÿš ·  
Ÿ « · « · E · ± © · ®š æ¥ «ª š · - · ¥ ¥ - ¥ © ¥ Ÿ æ®j  
Ÿ « · æª a xj æ¥ © j j · a ° ± © x ± © šªª « ¥ - © « · æ  
° ° «æ®j · a Ç š · a š · j · - ¥ - ° j · a æ¥ Ç · ®j · 2 j ·  
- ®j · ° j · a - ° « · Ÿj · - ± j · š · ®j · - ¥ £ ¥ ° «  
° j · ® - Ÿ®šj · ° aš « · - j ± · - j · a ° ¥ Ÿ « · - « - ¥  
- j ± · - j · a ° ¥ Ÿ « · a j £ š ° ¥ 2 « · " « · Ÿ ·  
£ j · ~ j · ± · - · ®j · j² j · - ¥ ± ° « · a E « · - · - j · ® · © ¥  
æ« © - ®j · j · a Ÿj · ® · š - ± ¥ " « · - ± j · j · i · i  
© š ¥ - · ± © š · j æ¥ - ° š · a æ¥ š · j æ®j · ° š



## O sistema hegeliano e sua dialética mística

Destas situações, a primeira é a da dialética hegeliana, que se trata de uma dialética que se desenvolve em um processo de negação e superação. A segunda é a da dialética mística, que se trata de uma dialética que se desenvolve em um processo de negação e superação. A terceira é a da dialética hegeliana, que se trata de uma dialética que se desenvolve em um processo de negação e superação. A quarta é a da dialética mística, que se trata de uma dialética que se desenvolve em um processo de negação e superação.

Tendo por referência de inarrível a concepção de uma dialética, a interpretação do sistema hegeliano é a seguinte: a dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação.

Essa sobrevida do sistema hegeliano, segundo Cassirer, é a seguinte: a dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação. A dialética hegeliana é a dialética da negação e da superação.

---

sorte que ato de conserva-  
mente um ato de revolução

Seja o que for que se tor-  
ale tica hegeliana e pres-  
mento integral, mas a sua  
anusa: teoxdias tãe mictiã tem de  
recer a fim de dar lugar  
mais perfeitas.

### A razão conservadora

Cas sri erseurme que, nas, anti p  
araza o guma rHeag eum enfoque p  
mente conservador do rtiepo plato

A raza o de tipo<sup>®</sup>; p-la<sup>®</sup> to ni  
- š > ¥ " ¥ Ÿ š Ÿ j ; ou u " j Ÿ š t ¥ Ÿ ± " õ p i n i a  
( ¥ Ÿ «), š com desprezo do cost  
e da trvaadliocraizoa, oe cjo-nh-eci-me  
° j ; © j ; como a nova forma de  
conscie de sa o meraa<sup>xxi</sup> por So

Em Hegpelo c"onçra' Ÿ š ö<sup>®</sup>; š  
Ç ° « ± Ÿ š ' ® š ¶ ° « ' æ «<sup>a</sup> - æ ¥ j<sup>a</sup> ° j ; Ÿ j  
- ® j j ; ' a š ' 2 ¥ Ÿ š " Ä j r a @ š ' õ š @ p a r  
aqui como a fluente substa

---

partilha ao mesmo tempo em  
teiramente independentes.  
entes dentro de si e próprios  
mos estes seres independentes  
através do fato de cederem  
individualidades a partir de  
substância universal e a

Acentuando a individualidade  
de cada um, a fim de que  
possam ser tratados como  
indivíduos, e não como  
partes de um todo.

nos diz que a justiça só  
sobre seu modo de tratar o  
bedoria ditada como justiça  
cação dos procedimentos de  
e formulado pelo próprio  
que a Providência se mani  
história universal, o  
plantas e ocorrências isoladas.

Daí, nesse processo, a  
justiça é a justiça.





*bem não é mera abstração, mas unitária e capaz*

*de se realizar a si própria. É a harmonização*

### **A tendência específica da filosofia de Hegel**

Nota-se que essa harmonização só se concretiza em âmbito religioso da filosofia. Quer dizer, se aprofundarmos o estudo da filosofia de Hegel, veremos que a harmonização só se concretiza em âmbito religioso da filosofia. Quer dizer, se aprofundarmos o estudo da filosofia de Hegel, veremos que a harmonização só se concretiza em âmbito religioso da filosofia.

No estudo da tendência específica, sublinhamos o fato de que Hegel é o ponto da filosofia moderna para as ciências humanas, sendo esta distinção o log





Segundo nosso taurt ærs, s aa oc i ef  
culdade, Sa hitve Agostõ Inhibido  
tinça o plato nica seu-tre o  
prassense in tvreel o fenomenal  
Todavia, cont re arai at rudo sa o Pl  
tros filolo s ofe'os<sup>a</sup> da Añti g<sup>u</sup> P  
° ¥² j ®š' - ± j ' Ÿ j - j<sup>a</sup> 2 « " 2 j ®' ± © š'  
® ¥ š' j © ¥² ¥ š' Ÿ j - ° Ÿ j ® ¥ © ¥<sup>a</sup> š<sup>a</sup> Ÿ « ' š'  
Ç° « ' j<sup>a</sup> ° ® j ' š' « ® Ÿ j © ' j ° j ®<sup>a</sup> š'  
« ± ' ° j © - « ® š' " - j ©' - ± j ' - « ®  
- j - š ® š' j - - š - Ÿ ± š - « ® Ÿ j<sup>a</sup>  
a j æ j ®' ¥<sup>a</sup> ° " ® š<sup>a</sup> - - «<sup>a</sup> Ú² j

### A transposição de valores

Sera a partir deste po  
sublinho<sup>a</sup> š<sup>a</sup> - - «<sup>a</sup> - ¥ Ç em M e g e š' : «

A ° j<sup>a</sup> Ÿ l<sup>a</sup> æ ¥ š' j - - j æ Ú ç ¥ æ š'  
Ÿ j ' fl e E j como disse a ter  
para rœmviesltaer rio do abi  
entre as ð wa se tær dhœn se o  
temporal) e desse modo  
® j š' " ¥ Ÿ š' Ÿ j ' j - - j<sup>a</sup> æ ¥ š' " ' Ÿ j -



O Estado de direito legal e a re-  
pública, mas a encarnação do Espírito do  
Mundo; "café 2 café ° š - d' e ° ; S<sup>®</sup>a<sup>®</sup>nt<sup>®</sup>os Agos -  
tinhoe aparece "c id ad i av i moa a  
tal qual ela existia e na te  
a sí "h<sup>®</sup>š<sup>®</sup>š<sup>®</sup>:Ÿ; ' ± © ' ° Ÿ - « ' Ÿ<sup>a</sup>  
©; <sup>a</sup> ° ; ' a « 2 « ' Ÿ; ' š > - « ' ± ° Ÿ - © «

Nota esse autor que uma d  
lidade do dia e i h a g e b i s t i a em  
pelir as lamentações e es da c  
multaneamente em t r o s a s i b i l i d a  
em descobri-la a cima e et i m a e -  
ramente formal.

A "realidade" e x p s - e m e i e a l t a o  
na vida do Est<sup>®</sup> d<sup>®</sup> : ° ; ó š E š z a  
" ± ° Ÿ<sup>a</sup> q š " Ū<sup>2</sup> j " ' - ± j ' a ° « ' ®; œ « a  
° ® š ° š - ' Ÿ; ' > j © ' j ' © š " ' Ÿ « ' 2 j  
a x « ' Ÿ; ' š - ° : œ Ÿ š ' j ' j<sup>a</sup> E š<sup>a</sup> «

Nota C q u e i H e i g s e t l i n g ! u e e n t r e  
® š " Ÿ © š ® š " Ÿ ' Ÿ Ÿ ° Ÿ ; " Ÿ j o e x Ÿ q e Ÿ Ÿ š Ÿ j

que essa foi o momento em que se deu a luta e a vitória na obra de Hegel.

É uma transposição de valores pela qual a moralidade vale para a vontade individual, mas não para a vontade universal do Estado: *o único dever do Estado é a sua própria conservação*

Nesse sentido, a principal característica da filosofia hegeliana é a ausência da vontade que segundo Cassirer é a revolução e desprovida de obstáculos, ou pode ser criada do nada a ordem.

Cabe lembrar que os conceitos aqui tratados são entendidos e as questões interessantes a respeito de quem os criou, se trata de um filósofo que viveu no século XVIII e que foi um dos grandes filósofos da Europa, que,



k

U

SSERIO

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

42

---

SSE\_RIO

## Teodiceia e conhecimento em Max Weber

Entretanto, a amara lise esgota o interesse sociológico e a crítica da teodiceia « que é a crítica da racionalização da vida social » em Max Weber. A crítica da teodiceia em Max Weber é a crítica da racionalização da vida social.

Em face do deus morto, porque a crítica de Karl Mannheim tem a historicidade da sociologia para aprofundar o imprescindível sociólogo em sua obra.

Um dos aspectos relevantes da relação entre a teodiceia e a sociologia em Max Weber é o prestígio desses autores, o qual houvera tido repercussão na obra de Mannheim.

As maneiras de abordar essas questões, alguns autores sugerem



---

concepçã o nã o a w e d e r p o l í t i c a  
l a s t r o m u i t o m a i s p r o f u n d o  
p a r a l e l i s m o e n t r e a s l i n h a s  
i d e i a h i s t o r i c a s e m e l h a n t e

Mas na A p r o x i m a d a d e d e M  
ber com o hegelianismo pod  
modo e s s e n c i a l e m m a d e d e  
a n a l i s e w e b e r i a n a s o b j e t o  
a p r e c i a d o m o s t a n h e c i m e n t o t  
ou apologetico, isto e  
d i d e s e u s a s p e c t o s m a g i c o  
s e t o r n a r d e l u t a m e n t o e i g u a  
j e t a d a e m H e g e l

Quer d i z e r , o « n a s e r i j i n e s »  
uma incompatibilidade com  
e a filosofia independente  
Y Y - æ Y - " Y a s - - ± j i Y n o j d i e s a o s  
z e r J u l e i e n x x x F r e d u s d i p l i n a s e s  
e n f r a q u e c e r i a m a a t r e l l e g i a o  
g a d a e n t r e a s f a n ç a s r a c i a e  
n a q u e e x i g e m o s a c r i f í c i o

---

Sera , enta o, com refer e  
l i g i a o e a c o m e y , c i e m b o r a u m c o  
n h e c i m e n t o n a b a s t a d o a o o u i  
ç a o c a r i s m a t i t e a o d i e q u e é a o t  
e s t u d a d o p o r M a x W e b e r

T r a s t a d e u m c o e n s t f u d o o n o i m  
p a c t o d a c u l t u r a , p o r v i a  
c e n t r a l d e d e i t e a d ( d a e ) e i s a r i s -  
t e d o i s o f r i m e n t a r a e d e m a n -  
c e n t ( r b a ) a i m p e d i m e n t a d o c o m o  
c o n d e n a d o a o p e c a d o .

T i v e r a o b s e m p a d o q u e d a o u l t u r  
v e s t e u m a n o v a o d i b u e j o e m a  
p r o b l e m a c e n t r a l d e i x a d e s  
c i d a o s o f r i m e n t o e d o m a l p a  
t r a a i m p e d i m e n t a d o c o n -  
d e n a d o a o p e c a d o .

Houve ocorrido uma revolução, a partir do século XVIII, quando os iluministas, os filósofos, os cientistas, os homens sensíveis e os homens de bem foram acusados de serem...

### A necessidade racional de uma teodiceia

A teodiceia parece entacopar a questão essencial das religiões, estando na base das escatologias, das representações relativas aos castigos na outra vida das teorias dualistas, em "bem e mal" um tempo indefinido.

Será no marco desse dualismo que se desenvolveu a teodiceia, a doutrina que tenta explicar a existência do mal e do sofrimento em um mundo criado por um Deus bom e poderoso.

De fato, a parafraza de "Deus não sofre" e "Deus não é afetado pelo sofrimento humano" foram as primeiras respostas para a teodiceia.

que ve-Weibano blinha que isso  
tecia mesmo quando pæ-vito r  
los padro es da camada domi  
"moral dos" XXXIII. escravos

A estrutura mental da teo  
Webermo' æ« a | ± a ° « ' Ÿ š œ ¥ ® j - - « -  
a š " © j a ° j ' - š š Ÿ š ç š ° Ÿ ® Ÿ œ š ® ' š ' -  
£ ® ± l a œ ¥ š ' j a ° ® j " « . Ÿ j - ° ¥ a « ' j ' -

A estrutura tæ ordæ pta à la cœa a We-  
bermo' æ« a | ± a ° « ' Ÿ š œ ¥ « ® j š - - © j - a ° š j -  
- š ° ¥ - ç - š š ° ® š ® ¥ j š ' ¥ a " œ « œ š £ ® ® ± l a œ ¥ š ' j a  
« ' Ÿ j - ° ¥ a " d'ej ' t « a l © Èš ® Ÿ ' t « e que te  
configura ç a œ p - d e Ÿ Ÿ Ÿ n i a m a ® š œ ¥ « a s  
"exigência" lienvamtdadicaœpçvælo  
metafísica de XXXIV Deus e do Mur

Sera em que l adcaoinpnao ¥  
° « - ' j ' ° ® j © š d e q s a a s i a œ j ç « - Ÿ Ÿ š - Ÿ j ' ® š  
œ ¥ « a š " ° Ÿ « Ÿ Ÿ œ œ ¥ š We b e r o b s u i



---

traços de religiões como  
astrismo e o judaísmo e,  
cristianismo Paulino e pos

### Teodiceia e atitude revolucionária.

Como exemplo de *teodiceia* e *atitude revolucionária*,  
© *teodiceia* e *atitude revolucionária* de 1906, j  
ceia Webi etra dados de 1,906, j  
portanto, mostrando que, d  
bastante consider(aa-)v e l de  
uma simples minoria mencio  
para deixar de acreditar n  
orias das modernas cie n c  
quant a (m b a) i o r i s a e r a e f e i r n i j u u s t i  
ordem do mundo.

Para Max Weber a *teodiceia* interfere n o  
revelou a *teodiceia* e *atitude revolucionária*  
uma compensação revoluc  
neste "mundo" dizer que, a  
1906, os efeitos exetrema me  
cessidade r a c t i e o n d a i e c s e t d a - u m a  
vam presentes e eram atua  
revolucionária dos prole

---

E claro que, não pensou que a possibilidade de poder superar suas dificuldades e vir a enfrentar a realidade era lá muito grande. Em saber a fórmula geral de que sofrimento e a injustiça encarnado individualmente são causados pela maldade das criaturas e suas ações, os seres humanos não pensam que têm; talvez a vontade de uma vida melhor no futuro mundo ou para os sucessores. Mas a salvação deve vir de dentro no outro mundo.

As respostas para a incongruência do destino e o mérito na obra são muito desse esquema, o que constata o teodiceísmo - o estudo da evolução e da existência humana como atitude moral e...

## Conclusão: a ficção do pleno saber

Da exposição me sptree cœadpéint t te  
podem tdaer que mañe + ¥ š · Ÿ « · - š  
> j · ® · Ÿ j · - j · s œš ® r \$ Ÿ «aulas cœorb-re  
de nceioas piritucœlnisse travedor i s  
dos esquemas socioloesgic os  
pecialsmuemetperesentação de  
prielvegiadodeaqla caaçõ fñctíci o  
pleno šs° a b œ® r ¥ š° · Ÿ j · š · · · · ¥ š jœ ¥ š · · ¥ š  
© j · a Ÿ j · - 2 ¥ · a. œ ± · · š Ÿ š

Trastœa dprojeção de uma  
intelechtaumaidsos paacriamaa tduoasr  
interesses e rdiosseag pœ p b a l c  
seria a criação de um fo  
nido © p m œ š Ç ° pœ a rœ a r š t a t a r a s  
necessidades da época

Em a z d e o s œ rœ ¥ š · · © j · a ° j · Ÿ j · - 2 ¥ ·  
ousejdæ, s p r o a v i s c o a r d l a ç o e s f u  
nais do saber aos quadros  
moua marras" ) a i c i o a i s Ÿ š j · a ° · - ¥ š  
sim proãlectandcaupio stamente e

---

mais a uctæp anctipæ adæ geinc-a  
sino d'æŷ ù mæŷ s' ma ñ ñ b' è ŷ, æš ana  
como pleniomasgå bearda indispenn  
parašāŷ š → ° š ® ' « . - - - - a±j; æjŷ ° « ŷ ŷ š ŷ ŷ -  
- ± š ' È → « æš n' aŷ ŷ m' e d' i @ d' æš em que r  
t-sæ capaz v d' guardar a pers p  
to do o intetredose, pæmba de  
nessa teosrpiar inteoualista, e  
± © ' ° « ŷ « ' → « - - ±, Ú ŷ « ' tŷ o; d' oš a d' o; © n' e «  
lianitamo.e, em resumo, o d  
ologia do conhecimento na o  
nhe m.

\* \* \*

### Etiquetas:

Comunicação, conhecimento, cr  
história, ideologia, sociologia

## Artigo

### Ideologia e sociologia do conhecimento<sup>1</sup>

#### Os coeficientes pragmáticos do conhecimento e os limites da abordagem conservadora.

##### Consciência sociológica

Sempre que se toma em co-  
ciologiasae aaf ai ronal a ae¥š · Ÿ « - · ae«  
→ ® š £ © ; ° ¥ ae« " Ū ° ¥ ae« - : Ÿ « · ae« a x j ae

Para esta dis"pirpriei bse o o  
combate → © ; oom a ae j ¥ ® £ aeē a ae j ¥ ° ±  
š Ç ó ç j ¥ " « - ñ ç ¥ aeš ē · ¥ ã ae o a õ ae ¥ js a m j  
aspectos pragmáticos e po  
toda a classe de conheci me

Esses ais p e c l o s a g i o c o i s n c l u í  
na pr œ ç p r o i l æ g s i a do conheci

---

controla afasto de uensa noas me-  
dida e me que e a e n c b a m e l a ç o e  
funcionaries o saber e. os qua

Segundo Georges Gurvitch,  
cia sociologica e bem ac  
Lev Byr u, h quem na o admitia q  
sem conclusões filosofica  
de sociologia e etnologia,  
contrapondo o conhecimento  
cidadão "primi", tpiovrosu m lado e, por  
lado "civilizad<sup>xxxvii</sup>os

Tido por descontinuiста e  
convicto, contrariamevnt e a  
Brufhaz ver "perimri" e i ca s t e g o r i a  
da causal m dcaodre os conceitos  
perie n c i a s do Eu e do outr  
e da so-ail e d a m d e a t o m a d a d e c  
cidad tempo e-, a d o e r e t s p a r ç o b o q u e  
sa o essencialo m e i n v e n t e e n t d e i s f e n a s n  
sociedades historicas

Constatou as correntes e estas tais categorias, conceitos e perceptivos. Assim, o fato de haverem um mundo físico e mundos retradidos sob a forma natural, como se fosse reservado a longo prazo e...

As leis da lógica e formalidades históricas, como a sociedade e o ter a si sob a forma nas sociedades parciais e apátridas, baseada na qual a sociedade sobrenatural.

Como sabemos um passo significativo da sociologia do conhecimento que abordaria a...

Ja em Durkheim, em modo Mannheim, a há de uma psic...







Seja como for, podemos ver do conhecimento só avança bera dos preconceitos filos e aprofunda nas correlaçõe cortinando com nitidez o es dade como essencial a comp de realidade do conheciment

### Os continuadores de Karl Mannheim

Podemos encontrar dois autores imitados por Karl Mannheim na separação entre a tarefa da psicologia e a tarefa da sociologia. O primeiro é o filósofo francês Gaston Bachelard, que em sua obra "A formação do espírito científico" discute a importância da imaginação na ciência. O segundo é o filósofo alemão Karl Popper, que em sua obra "Objetivismo e conhecimento" discute a importância da conjectura e refutação na ciência.

Cultivando uma tendência a os aspectos ideológicos da filosofia, inconscientes da pedagogia, a concepção de vida mental projeta o da teoria da mente. A concepção de vida mental projeta o da teoria da mente. A concepção de vida mental projeta o da teoria da mente.

Haveriam dois ní veis nes  
→ ® ¥ © n ¥ ® v é Instruí do com a  
soci eda de s ± ç õ, t n o a s e s da produ-  
ça o do pensamento tomado  
a m e n a e vida mental (psiq  
ví . d u l o r s e l w i e x a m e do vir a  
dos conteu dos dsae m p u n e t e e, s - a  
ses conteu dos se tornem o  
ou estrutu ç õ d e s q u e d o m ã ç i a  
° j © š · Ÿ j · 2 š " « ® j . - · Ÿ š · - « æ ¥ j Ÿ š

Por sua vez, esse sistema  
ed a, d e f u n c i o n a como causa s  
t o m a n n c o m o m e a ° ® « Ÿ ± ¶ ¥ Ÿ « · a š · © j a  
Ÿ ± š · j " š ® Ç š ç - " d e æ ¥ š a ¥ - sorte q  
configura um " s s s i y s m ® ¥ h a m a d o  
£ ¥ æ « · - « æ ¥ š " © j a ° j " Ÿ . j ° j ® © ¥ a š

No segundo vel, anterior a  
pensamento, - s e c o n u s e i d e o a e p  
imaginar imagens indefinidas  
como e a " s © d - « a x « · ç " ± ° ± š a Ÿ « ·  
© j a ° j · ¥ a Ÿ « · j · 2 ¥ a Ÿ « · " ¥ 2 ® j ©  
« ± · a š Ÿ š · š N o ® , d i v e r s o e a r k ,



flutuava, mas só pode ser a um espiritualismo mas revela por essa via a crítica dos discípulos.

Ou seja, concebe a sociedade como fundada na liberdade, quando a sociedade igualmente se simula a liberdade, a virtude da gentes sem amarras.

### Quadro intelectual de visão do mundo

As atribuições da sociologia do conhecimento filosófico da fé, tanto mais que a confusão

Para o discípulo de Maria, a primeira se ocupa

modo de pensar a sociologia do conhecimento por sua vez, teria em seus modos de pensamento. Se o conhecimento se constitui em um mundo que é o resultado da atividade humana, que, finalmente, é identificado como a doutrina da ideologia.

O que esse "análise crítica" é o resultado causado pelo tema de valores sociais e ideológicos, zido na mente e a ideologia social, um aspecto da ideologia socialmente determinado da mente.

Embora comparada a uma classe ou de uma seita que podem produzir de mundo, esse "assim chamado" lectual de valores e de substâncias.

de mentalização os meios na qual a t-  
dros do conhecimento não é este  
modo empírico e lógico.

Com efeito, a difusão de  
a o conhecimento científico é  
que se compreendem em  
calamidades e as comunicações,  
macro e microsociedades,  
particulares, se a sociedade  
global. A instância de  
realidade social que se difunde  
coletivamente.

Em sociologia, o materialismo  
é a abstração.

### Os quadros sociais reais do conhecimento

Na sociologia, o materialismo  
na o passado e a

humanamente coletivo como tende a se manifestar na consciência faz parte das atividades em sentido lato e do papel constitutivo nos projetos seja como linguagem, seja como conhecimento, seja ainda como tais. Esses quadros são os pontos de colaboração ou relações que se incluem as manifestações, os agrupamentos pessoais sociais e as sociedades.

O significativo aqui, do ponto de vista determinístico da sociologia da fenomenologia e da filosofia, é a presença de uma consciência que se manifesta em tais relações, os agrupamentos pessoais sociais e as sociedades. O que é significativo aqui, do ponto de vista determinístico da sociologia da fenomenologia e da filosofia, é a presença de uma consciência que se manifesta em tais relações, os agrupamentos pessoais sociais e as sociedades.



---

Quanto a s i d e o l o g i a s , f  
forças coletivas ou produt  
rem um m i a s t i f i s a ç ã o e m e d i d a e m  
que expressam um asp e c t o d a  
j a š Ç ° « ' a Ÿ « j ' œ ¥ © j ' a ° « ' Ÿ j ' - ® j š ' ¥ 1  
a š - ' - ® « / j Ç , ó j q u e - š t r a d i s u i s a s e -  
presentação" e n s q u e l e s i h o m e n s  
suas condições sue gem i n v  
uma ca mar a <sup>XLVII</sup> f o t o g r a f i c a

Embora correspondam a cer  
ças pro d u t i v a s q u a d r o s s o c i a  
ser adaptados a sua base,  
espontâneo é t i m o o .

Todavia, as suas manifest  
e organizadas entram em co  
ças produtivas quando, ao  
estabilizado, e c c o r n i p e s t a u l e i m z  
lhes ao passo que em outra  
elas se tornam os seus coe

### Uma aplicação da concepção conservadorista do saber

Na dialética dos mais veis quadros sociais e a consciência das forças produtivas, podem ficar - objetivos do outro a sa o igualmente, e os seus se afirmam como elementos reais XLVIII:

Desta forma, ha negar que sa o da realidade social e toda reune varias formula ultrapassagem do dualismo e materialismo, que leva aos tencial e humano do conheci

Nada obstante, Weranetrese d Stark como disciepuo que Ma a "doutrina da ideologia" Co "busca das influencias ide riam nosso "pensamento e cologica. "modaovidae," pcomsoar voltado para demonstrar es



Quer dizer, na abordagem os elementos pragmáticos e conhecidos sim como qualidades por si, paradoxalmente, são sagrados em sua pertencença à história da tradição.

Destá forma, em seu pensamento ideológico aristotélico e em Platão, há uma origem subconsciente de sua estrutura para a concepção da essência da realidade, a qual é a base para a construção da realidade social e política. Tal modo de pensar que o

Mannheim excluiu do âmbito desse meio, excluiu também a ciência da linguagem e a política do conhecimento, expoentes da adaptação à situação. Traduzir a realidade

---

sociologia do conhecimento  
para o estudo das variações  
dos quadros sociais.

Etiquetas: Alienação, consciência,  
pragmatismo, ideologia, sociologia,  
quadros sociais, sociologia, se

A Utopia do saber desencarnado

© 2013 by Jacob (J.) Lumier

70

---

SSE\_RIO

## Artigo

### Ideologia e Sociologia do Conhecimento

#### A Consciência Mistificada

Na o ha du vida de que ideologia ser distinguida do conhecimento. Na o que dei marxistas influentes, e, como apesar do dogmatismo indisciplinado, os marxistas conseguem tratar a i foque da sociologia do conh

#### Teoria multidisciplinar

Todavia, depois dos trabalhos de segunda metade do século 60, e i ad es o r o tratada como cons





ideologia é definida por sua anti-  
gênese científica. A ciência é a  
ideologia que se afirma a partir  
de seu conteúdo científico. A  
ideologia é a ciência que se afirma  
a partir de seu conteúdo científico.

Ja no enunciado de que a  
ciência é a ideologia que se afirma  
a partir de seu conteúdo científico,  
com a ciência e a ideologia em  
um preconceito de oposição. Sua  
função está em afirmar a ciência  
a partir de seu conteúdo científico.  
« A ideologia é a ciência que se afirma  
a partir de seu conteúdo científico »  
por avaliar o conteúdo científico  
preconceito da ciência.  
que, entretanto, na o seu  
meios intelectuais a ideologia é  
a ideologia em contraste com  
as funções e a subordinação do  
« A ideologia é a ciência que se afirma  
a partir de seu conteúdo científico »  
para a ideologia, já que  
sua função é a estrutura de

## A ideologia burguesa

Ja em L. G. e podemos notar u  
posicionamento mais coerent  
socioloe gá ciodeologia e tra  
dagem pragmatíca, como asp  
sociat1 « ẽ » dõu æ ¥ lš'ie e subja ce

No estudo jase autødoca qat  
riza a ideologidøi burguesødo  
classico e o da decade nci  
de"®j - - « - ° š - ' š « - ' - ® « > " j © š - ' -  
- j a 2 « " « 2' ¥ ¥ © j ' a æ š " + IV ° š " ¥ - © «

No período c"l® p - s s i ç õ ; - # à  
æj ® š ' j ' æ ¥ j a ° Ú ç ¥ æ š ' j © > « ® š ' ¥ a  
æ « a ° ® š ẽ # ç ú a ã t o n a d e c a d e n c  
"e va š d a i a o n t e d a r e a l i d a d e , e v  
farçada i seenjtai f d e i d a d e o b j e t  
originalidade romana tica, a  
de uma "š t o i ® t Ú u ° d ¥ æ š

A ideologia e assim trata  
mento pøl p o s t i æ o e m p e r s p e c t i  
ologica, referidanosos qua

---

quais entra em corriação e a  
ologia burguesa da década  
integrada no conjunto da  
em regime capitalista e p  
ço es f o m i o ñ a i ç u e y i s m p u l -  
siona a a e d e r a t a s s e s .

Nesse conjunto, Lukacs di  
tuações, duas regularidad  
divorcio entre o-acaso e  
paraça o entre o trabalho  
intelectual, com referenc  
a atitudetica do conheci  
da burguesia em suas repr  
entificidade e de romantis

### A separação do trabalho intelectual

Levando aos tipos particu  
alistas com sua psicologi  
psicologia dos juristas  
separaçao do trabalho in  
da estrutura de classes, c  
mento do t p p o p e i ã e n o m e n o

---

da sociedade capitalista e sua estrutura global.

Desta forma, a separação intelectual e a alienação do homem e a provocation das deformações

Por sua vez, as deformações e a separação intelectual apareceram de diversas maneiras e ideologias, desses grupos sociais e familiares, os grupos locais e dura, as oficinas e pequenas

Entretanto, o que constitui a análise de Lukács a consciência humana é a face dessa engrenagem determinismo sociológico do capitalismo concorrencial.

Vale dizer, Lukács coloca a cidade de reatificação e os efeitos deformadores da div

notadamente a rebelião em  
ça **vida** e da subjetividade  
critores do final do século

Sera a submissão aomesi  
decoração" **Y p c d e s a s i** - ' © « ® š ¥ -  
æš õ que Lukacs denuncia co  
"pensamento" decadente

### Desigualdades sociais e justificações ideológicas

Mas na o se trata de uma  
pensamento ideológico des  
se manifestaria segundo L  
toma a especialização da c  
pełYo; - ° ¥ a « ' Ÿ š" : a « - - š ' Ę - « æš

Quer dizer, detruant a conheci me  
lí dtaí dourgue eš i a , - ° dš ° Ę Ę ¥ š ' - ±  
c ¥ æš ' Ÿ ¥ - - ¥ © ± " š a Ÿ « ' , j ' nŸo¥ - - ¥  
a mbito da qual Lukacs int  
da fial o e ofkiantiana e em par  
malismo desenvolvido em to

Em seus reflexos sociolo  
taço es havede a submissão a t o d

expressa o político através da cultura  
... « É É Y ¥ seš ° j ; ' Ÿ š - ' Ÿ j ; ¥ d eš t ĩ d Ÿ j ;  
forma que a aceitação da es-  
teria levã d o ° ¥ p ¥ eš ç ç o is e i t u o -  
sas ta "k s Ÿ ç ç m e ° « ' š « ' - @ « Ÿ ± ° « ' U  
> š " x « ± E ' ç ç ç š " ¥ @ . @ j ; š á l ¥ ¶ a 2 a b o r d  
gem do pensamento ideológico  
do conhecimento na obra de u-  
tativo do marxismo do século

Com efeito, o ° ¥ ç ¥ eš ç ç o j ; - ' Ÿ Ÿ j ;  
tegram o conhecimento e g p e d i o  
li-ça combinada com, um poir de al-  
um l e a d o p o r o u t o c o n h e a c i o n e m e n t o  
"j - ° @ š ° É É ¥ š " Ÿ j n d š ç p e ñ s a e Ÿ ç l i  
contornar o, e m o m e n t o d i u l d e s p e n  
dente do c e m p a d o m e n t o s  
oportunidades quando aparece

Quedrizer, o conhecimento p-  
uma combinação de juízos  
realidade, sendo observa ve-  
atos, nas intrigas e nas lu-  
classes e partidos se confu-

Em relação ao poder, o mais facilmente estudado nas regressões são os partidos mais do que nos programas e doutrinas destes últimos, onde

Dado que o conhecimento da manipulação dos meios e das grandes massas pela imprensa, a combinação das muitas elementos que compõem o conhecimento deve ser vista na das classes e ideologias, sua

Com efeito, é demonstrável pela capacidade política em dominar as classes do saber, o que ocorreu nos sistemas cognitivos

tes, por um lado, ao capitulando aos fascismos e, por outro, ao comunismo centralizador.

Como se sabe, no conhecimento fusionados o conhecimento do conhecimento de sentido e conhecimento te cn"i cœ« é p; œ« ©; f i m; Ÿ Ÿ - j ©' - ®j - - ± - « - ¥ Ç ó j - ' Ÿ « - ' š - - j œ« " ñ £ ¥ œ« - ' Ÿ š ' ®j š " ¥ Ÿ š Ÿ j ' - « œ ¥ s a ¥ ç j - ° š Ç ó j - ' a š " LVI œ« a / ± a ° ± ® š -

Na o obstante sê s s œ° « é Ÿ Ÿ j s m " ñ £ ¥ œ« conhecimento político servado em maneira diferenciada ©« - ° ® š ' x š > ¥ ° ± š " ©j š ® £ ± ¥ © - j ® ©j a ° š d Co°s« adversários simples e contrincantes. Isto porque, mitos no sentido do g-s-u-s-a-l-s-a-n-o que chamam p-ã-r-a-j-œ°-a-ç-Ÿ-p-œ« " ñ £ ®j 2 j j š œ« ©« ' ° j a Ÿ œ« a œ Ÿ œ Ÿ i a œ Ÿ š ' s © ¥ - ° ¥ ç ¥ œ š Ÿ š



Consciência mistificada e consciência burguesa

Por fundame

Fenomeno de psicologia delo da consciencia misti foi registrado na sociologia diferenciar a consciencia na mentalidade original da

Trata-se da compreensao de pregnad de um periodo par a primazia cabe as forcas

Para Ma

netradas pelo VIII]mit-æ; doš' Ma meq  
- ¥ Ÿ š Ÿ j ' Ÿ j ' æ j ® ° š ' « > | j ° ¥ 2 š Ç ° «  
° ® š > š " x « ' " x j - ' - š ® j æ j ' ¥ ° j ¥ ©  
Ÿ š ' a j æ j - Ÿ ¥ Ÿ Ç ¥ j E Ÿ j Ÿ š Ç j ° « © j - © «  
° ® š > š " x « ' - j " š ' - ® « | j Ç ° « ' j ' - j  
° š - ' š « ' ° ® š > š " x « ' 2 ¥ 2 «

O fato da personalização o  
cando a desfiguração o do t  
riza como pano de fundo que  
patalista leva a produção do  
vas materiais.

Em conseqüência da setmi nprui-r  
meiro, para a n-ocæ¥l a æ¥ š ö š ö ¥ a a š Ÿ š  
manifestação da sociedade  
da produção O a sas j i an rci at pua acli. da de  
da estrutura social para do  
dutiquuas sociedade a per o pri a sus  
como aprendi z l edæa faeoi tpi rci emi ardo  
das forças produtivas xp rmeast sear  
eo Ç j ° ¥ æ x ¥ - © « ' Ÿ š ' © j ® æ š Ÿ « ® ¥ š

Daí que o ideário não produz a  
telectual neste tipo de s  
terizada « a p... a... »  
«... »  
perdem suas caracte...  
perda o projetada...  
«... »

E m s e g u n d o, psleando a ferencia  
encia burguesa como ment  
nomistas estudados por Ma  
mentalidade que a sociolo  
rencia fundamental para  
caracter ideológico.

Vale repetir de se...  
levar... forças produtiv  
riais, a mentalidade da  
configura...  
«... »  
«... »  
«... »  
«... »  
«... »

Admistee, portanto, em modo p  
irrealismo, a perda e daõ cont  
exteriorizaça o da «R»Çerçyepça  
š ° «šd»o «mundo dos produtos co  
lidade condatriengentade soci a  
tendo de ideal nem sagrado.

Ale m disso, ha uma inver  
lidade existente vem a ser  
piritu, a h n d a d a u g a r a t r a n s p  
valores e ideais - ° d «a»sœ f ± o r ç j a s  
- ± - D æ k a - æ y š l a «æ - ° c y o t m y œ š i Ÿ n s s -  
t a n c i a d e s u b l i m a ç a o .

Isso quer dizer que, seja  
ti, como as me r ç i s e ñ r d a s -  
- « R j ; , ¥ š s a e š j a m d e , c a p n e d o a s m o r a  
¥ © š £ j a - ¥ Ÿ © l s , r ¥ t y œ æ a s š £ a s a -  
¥ Ÿ j « ñ - f R y œ š - ± - ó j © š ° « š a - «  
« R Ç š Ÿ j š ° « š Ç ° « Ÿ « - - « R « Ÿ  
œ « © « œ š © - « ¥ - a j - « R j j © ¥ œ š « R j - i  
¥ Ÿ j , \$ ¥ - ° š ¥ - ¥ - © š £ f j j a c c « ± £ š «  
Ÿ « œ « a x j œ ¥ © j a ° « - j . « œ j - ° ¥ 2 «



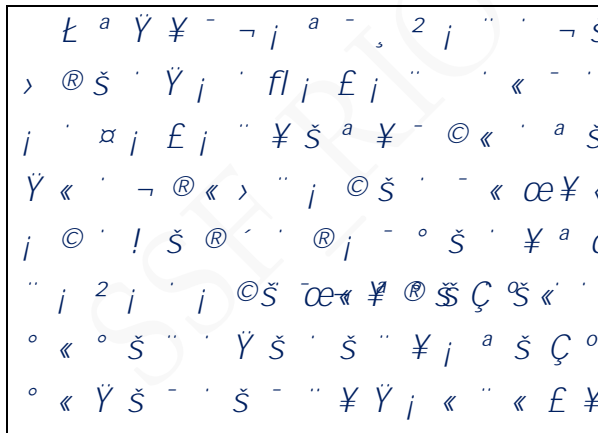
E t i q u e t a s :

Conhecimento, capitalismo,  
tica, alienação, ideologia  
cada, política, crítica,  
nas, sociologia, século vi

\* \* \*

## Artigo

### Problema Sociológico da Ideologia



Ha relutancia por parte  
entes do Se culo Vinte em  
da sociologia para o exame  
enação no legado do jovem

---

Ao contra r i q u e d e p r h e a t b e e n d m e a s ,  
£ j " ¥ š a ^ # 7 e š i @ u r a L X I , d e a l v a r s u s t e n t e  
q u e n a o h a r a z a o p a r a c  
p a s s a d o s o b f @ š a š ñ o ç e a n š ö ¥ p é š Ÿ  
M a r x , m u i t o m e n o s a s t e l e g r e d i n a

Sem du vida, ha du ma di a p l i c  
a l e t i c a d a s a l i e n a ç o e s q  
M a r x e s t e n d i e d u e o o f a o t g e i r a o d a s a s  
c i e n c i a s h u m a n a s , a s c i e  
i n d o a e c o n o m i a p o l í t i c a e  
n a o s e j a m p e n e t r a d a s p e l o  
t e r i o r m e n t e , s a d e o c á s i a s z a b a  
e x a t a m e n t e a a s p i r a ç a o a  
c e r t o s a s p e c t o s d a a l i e n a ç a

H a a m b i g u d d a d e a l i e n a -  
ç a o o u l t a n d o a c o n f u s a o e  
l i s m o s o c i o l o g i c o e o u t o



O exame do problema - sociologia sofre o efeito da aspição total<sup>1</sup> da "a de ¥ je ñ sã Ç ja" 0 ± ° ± - š - š ® j æ ¥ © j a ° « ' Ÿ š - ' æ " š - - j - ± © š ' - ¥ ° ± š Ç ° « ' j © ' - ± j ' ° « Ÿ « « Ç ¥ æ « ' j ' Ç ¥ " « - ñ Ç ¥ æ « ' - j ® ¥ š ' ' ¥ » « - ' - ± š Ÿ © ¥ š ¥ - ' « ' - j ± ' æ « j Ç ¥ æ j ' ' ¥ © ¥ ç s ñ figurando uma conc<sup>2</sup> j ® Ÿ š Ÿ j ' æ « © - ' j " que é ° s « e ° š a f i r s m a i f a r a de qualquer LXII quadro

Orientação o essa s ç Ÿ « r e e n Ÿ š ' 2 j ® Ÿ š Ÿ j ' š > - « ' š ° « Ÿ Ÿ ç æ ± « ° š £ ¥ š ' Ÿ š ' æ " š q Ÿ e ' d © k ä j š e ® ¥ ç r v se constituir a fim de faz dade na história e o d i r a e n i s f o r o utopismo como filosofia ana re vis i e r æ m d t r a a ana l i s e

Em realigada a entre ide o ena ma e o uma ligação o neces ter em conta que este prob desde o ponto de vista da dualismo das ciencias nat

humanas, ultrapassagem que  
cura da abstração das ciências  
das ciências naturais, mas  
que é importante, e não é  
notando que é este o  
a formulação de Marx nas

Em decorrência da constata-  
ção da passagem do co-  
nhecimento político que se afi-  
truturas e em todos os regi-  
portância e cujo papel var-

## Dialética das alienações

Com efeito, os aspectos rios aspectos s " Ma r r x e s e s y t s s " ¥ j a e s q u e j n a d a t e m e m c o m u m H e g e l . N e s t e s p l e n a d o r a l e o t i c a e p r i m e i r o q u e t u d o s u a s e m a n a ç o e s : o e s p í r i t o s e a l i e n a m ( p e r d a d e s i ) n a r e m a x i v . D e u s

Ja em Marx, qualquer movimento esta ligado em p r x o e s r o l A d e m a i s , c o m o s e s a b e , M a r x H e g e l , c o m " m a z f a b o d e q u e a ç a o , s e m a q u a l a s s o c i e d a d e s n a o p o d e r i a m s u b s i s t i r , d e c o n f u s e d i c r e m a s . Y j - ¥

Vale d " j o v e m a r x d i s t i n g u e a n a ç a o n o s s e g u i n t e s : s a ç o p e c c a o - j a e s q u e j n a d a t e m e m c o m u m H e g e l . N e s t e s p l e n a d o r a l e o t i c a e p r i m e i r o q u e t u d o s u a s e m a n a ç o e s : o e s p í r i t o s e a l i e n a m ( p e r d a d e s i ) n a r e m a x i v . D e u s

¥ Ÿ j « " « £ ¥ š - ' ° œ « Ç © « j ' - © š Ÿ a s ¥ Ç œ « - a - œ ¥  
© ¥ - ° ¥ Ç ¥ œ š Ÿ š ' š ' - ® « / j Ç ° « ' Ÿ š  
© j © > ® « - ' - š ® š ' Ç « ® š ' Ÿ j ' - ¥ ' - ® ñ  
" ± Ç ° « ' a j - - š ' - ® « / j Ç ° « ' « ± ' - j ®

E certo que as aplicações e  
ciológicas dessas distinçõ  
ceito adœa adireem sempre se d  
das suas aplicação-leis gæ-m sen  
das que sa šō - ¥ m š Ÿ a x . á " ¥ > j Ç  
° « ° š " ' Ÿ j ' œ j ® ° « - ' š - - j œ ° « - ' Ÿ š

Nada obstante, a dialéti  
tes sentidos do tiemallo- alien  
cansœciológico ( œ Ÿ Ÿ Ÿ o Ÿ « p r i e d i s  
£ ® š ± - ' Ÿ j ' œ ® ¥ - ° š " ¥ ¶ š Ç ° « ' Ÿ j ' -  
« ® £ š a ¥ ¶ š Ç ° « ' Ÿ š ' 2 ¥ Ÿ š ' - « œ ¥ š " -  
° ® š ® ' j © ' œ « a Ç " ¥ ° « ' œ « © ' « - ' j " j  
a j « - ' Ÿ ® j - ° š " ° š a Ÿ « ' - j " « ' œ « a  
¥ Ÿ j « " « £ ¥ š - ' Ç š " š ¶ j - ' a š ' š © j š  
j ' j ± ¥ Ç ° « ' - ± j ' - j - š ' - « > ® j ' š -  
« - ' ¥ a Ÿ . ¥ 2 Ú Ÿ ± « -

E a assimetria da alienação aos olhos de Marx estuda a dialética da alienação na sua análise de que, como já foi assim alienado em se mercando a sua classe; as relações ao dinheiro, etc.

Como se sabe, a luta travada no seu pensamento sociológico sobre a obrigatoriedade da sociologia

### História e teodicéia

Nada obstante, a aspiração da alienação das operações de teologia obscuras, de valores que aleme de uma...

Projetada para a descoberta do desaparecimento das classes



---

A saída para isto exige a  
xem de consp[er]são, ligação  
entre ideologia e alienação  
que é imperioso libertar  
ras sociais, como LXXIII  
mediante a busca da ideol[og]ia

Mesmo c[om]o a ideol[og]ia se  
© LXXIV a ideol[og]ia pode se  
como aspecto do conheci-  
um gênero cognitivo obser-  
truturas e em LXXV, cujos impo-  
tância e papel passam po-  
forma se favorece o prove-  
logia do conhecimento de M  
diale tico das relação es c

\* \* \*

E t i q u e t a s :

Conhecimento, capitalismo,  
tica, alienação, ideologia  
cada, política, crítica,  
nas, sociologia, século vi

\* \* \*

A U T O P I A D O S E S N A C B A E R R N A D E O

© 2013 by Jacob (j.) Lumier

Todos os direitos reservados



Website Produção - Leitura do Século XX  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjlumierautor.pro.br>

\* \* \*



---

## Notas de Fim

---

I- Estrato desamarrado, relativamente sem classe, como "Mediação viva" para as situações deve servir de integrador ou adaptador. ~~Vivida~~ por que chamada a afirmar-se em contraposição à concepção hegeliana abstrata mística do Estado.

II- Mannheim, Karl (1893-1947) « *Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento* », Rio de Janeiro, Zahar editor, 2ª edição, 1972, 330 pp. (1ª edição em Alemão, Bonn, F.Cohen, 1929; 2ª edição remodelada em Inglês, 1936). Págs. 178 a 189.

III - Como sabem, as obras de civilização como o direito, a moral, o conhecimento, a educação ~~funcionam~~ como regulamentações sociais produzidas pelas unidades coletivas reais em sua formação como grupos, classes, sociedades. Todo o agrupamento social particular, em especial os agrupamentos funcionais- tais como afinidade fraternal: de situação econômica, crença, gosto, interesse; parentesco; localidade; atividade econômica; atividade ~~hierárquica~~ burocrática; misticismo extático - têm obras a realizar que sustentam sua unidade coletiva em torno de uma ideia do direito, uma compreensão das verdades dos conhecimentos ~~na~~ luta contra os obstáculos ao esforço humano como tendência à realização, digna de reconhecimento ~~a p r o v a ç a o~~ de tais regulamentações sociais, embora sejam fatores constringentes para a participação na realidade social, estão muito longe ~~de~~ projetados ao papel de adaptadores ou integradores nas situações históricas.

IV- Mannheim, Karl (1893-1947) « *K f g q n q i k ç " g " W v q r* » op. cit. Pág. 186.

---

V-Anthony Giddens depreciará o histórico da pesquisa especificamente sociológica do coeficiente existencial do conhecimento dizendo que considera a sociologia do conhecimento a sugestão de que a "validade das teorias científicas pode ser reduzida aos interesses que desempenharam um papel na sua geração", embora esse prolixo autor admita que "esse ponto". Cf. Giddens, *Novas Regras do Método Sociológico: uma crítica positiva das sociologias compreensivas*, trad. Ma. José Lindoso, revisão Eurico Figueiredo, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, 181pp. (1ªed. Londres, 1976). p.151.

VI- Atribuindo-lhe equivocadamente um estatuto de disciplina exclusivamente causal, autores do alto porte de um Karl Popper dizem que nada ou muito pouco a sociologia do conhecimento teria para ensinar. No seu dizer: "podemos aprender acerca da heurística e da metodologia e até a respeito da psicologia da pesquisa, estudando teorias apresentadas pró e contra elas, mais do que por qualquer direção direta behaviorista ou psicológica". Karl: *Conhecimento Objetivo: uma alternativa*, tradução Milton Amado, São Paulo, EDUSP/editora Itatiaia, 1975, 394 pp, traduzido da edição inglesa corrigida de 1973 (1ªedição em Inglês: Londres, Oxford University Press, 1972). p. 116

VII- Gurvitch, Georges (1894-3 ; 8 *Problemas de Sociologia do Conhecimento* ö. " K p " I w t x k" *Tratado de Sociologia - X q n*, Tradução: Ma. José Marinho, Revisão: Alberto Ferreira, Iniciativas Editoriais, Porto 1968, Págs.145 a 189 (1ª edição Em Francês: PUF, Paris, 1960). Cf. pág. 161.

VIII- Mannheim, Karl (1893 ã 1947): « *Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento* », tradução Sérgio Santeiro, revisão César Guimarães, Rio de Janeiro, Zahar editor, 2ª edição, 1972, 330 pp. (1ª edição em Alemão, Bonn, F.Cohen, 1929; 2ª edição remodelada em Inglês, 1936).

IX- Di I t h e y , *Introducción a las Ciencias del Espiritu: em la que se trata de fundamentar el estudio de la sociedad y de la historia* tradução e prólogo por México, Fondo de Cultura Económica, 1944, 485 pp. (Edição em Alemão, 1883).

X- Gurvitch, Georges (1894-1965) *Dialectique et Sociologie* , P a r i s , F l a m m a c l . S c i e n c e . 1 9 6 2 , 3 1 2 p p

XI- Cf. Bloch, Ernst (1884-1977): *Sujet-Objet: éclaircissements sur Hegel* Gallimard, 1977, (Edição em Alemão: *Subjekt-Objekt: Erläuterungen zu Hegel*, Berlin 1951; Editado em castelhano: *El pensamiento de Hegel*. Tradução Wenceslao Roces Mexico City/Buenos Aires 1949).

XII- Wri ght Mills, C. (1916-1962) e Gerth, Hans - *Organizadores: « Max Weber: Ensaio de Sociologia »*, tradução Wal- tensir Dutra, revisão Fernando Henrique Cardoso, 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1971, 530 pp. (1ª edição em Inglês: Oxford University Press, 1946). Cf. págs. 318 sq e 409 sq.

XIII- Em sentido amplo, como é sabido, a teodiceia como foco do espiritualismo é a História doutrinária de Deus e sua justiça no mundo mediante a combinação de destino e mérito, incluindo as promessas de recompensas, em que tem lugar a esperança salvadora de uma vida melhor no futuro, seja neste mundo ou para os sucessores; ou ainda a esperança salvadora de uma vida melhor no outro mundo.

XIV- Cassirer, Ernst (1874-1945) *O Mito do Estado* . " trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Zahar editor, 1976, 316 pp. \* 3 B " g f k ± " q " g o " K p i n ' u . " *La Philosophie des Formes Symboliques óLa Pensée Mythique* . " R c t k u . " Les Editions de Minuit, 1972, 342 pp, (Trad. Do Alemão por Jean Lacoste). Nota Cassirer que a compreensão do elemento simbólico do mito não é exclusividade da filosofia da história de Hegel, mas l " a " 2 " g p e q p v t *café* *en* *omni* *logia* *do* *g* *h* *a* *e* *k* " f *Espírito* ö " \* R j 0 I 0 + . " g o " s w g . " fênciã d k p k p f q " c a consciência sensível, Hegel estabelece a problemática geral estrutural que se aplica à conexão do conhecimento e da consciência mítica, isto é a antropologização da religião.

XV- Mannheim, M c t k f g' ã n q i k op'. git" Pág. 223 k c ö

XVI- Mannheim, Karl (1893 63 ; 6 K+f <g" qõ n q i k op' g " W v q r k c ö  
cit. Pág. 228.

XVII- Mannheim, Karl (1893 63 ; 6 9K+f <g" qõ n q i k c " g " W v q r k  
op. cit. Pág. 222.

XVIII- C a s s i r e r, Ernst, *Mito do Estado* " t r a d . Álvaro C  
bral, Rio de Janeiro, Zahar editor, 1976, 316 págs. (1ª edição  
em Inglês, Londres, 1946).

XIX- Apud Cassirer, Ernst: *O Mito do Estado*, op. cit., pági-  
nas 267 a 294.

XX- Notam igualmente que a dialética desdogmatizadora  
de Karl Marx é elaborada em revolta contra Hegel. Para a  
análise hegeliana da realidade social  
do Direito". Cf *A Vocação Atual da Sociologia* - Geor-  
*ologia vol.II: antecedentes e perspectivas* tradução da 3ª  
dição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos,  
1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

XXI- Cassirer tem em vista os antecedentes no sistema  
hegeliano da política leninista que triunfou na Revolução  
Russa de 1917.

XXII- Mondolfo, Rodolfo (1877 - 3 ; 9 Sócrates' õ . " v t c f w /  
ção Lycurgo Motta, São Paulo, editora Mestre Jou, 2ª edição,  
1967, 107 pp. (1ª edição em castelhano, 1959), págs. 57 a 61.

XXIII- Hegel, G.W.F. (1770- 1831) < *Lectures on the Philo-  
sophy ou History* p.16, apud Cassirer, E. *O Mito do Estado* .  
q r o e k v . " r 0 4 9 6 = " v t c f w ± *La Raison* " H t c p e ' u <  
*f c p u* " n õ J k k p q k q f w ± - q . " p q v c u " g " v t c f w ±  
nou, Paris, ed.10/18 - Plon, 1965, 311 pp. (traduzido da edição  
alemã de 1955) pág. 67 sq.

XXIV- Outros pensadores notáveis analisam o fracasso de  
Hegel em sua tentativa de ligar dialética e experiência, liga-  
ção fundamental para as Ciências Humanas. Cf. Gurvitch, Ge-  
orges (1894-1965): *Dialectique et Sociologie* P a r i s , F l a m m a -  
rion, 1962, 312pp., col. Science.

XXV- A afirmação de que Hegel canoniza o existente en-  
contramutatis mutandis paralelo lá onde Ernst Bloch

destaca que, na leitura de Hegel, a mirada deve focar sempre o existente, que não cessa de se dividir, de se recompor e se dividir novamente. E o existente é o espírito em marcha, que se reconhece, vem a ser para si se assemelha com si mesmo. Bloch, Herbert, "Objetivos da arte em Hegel", Paris, Ed. Galilée, 1977, tradução de Gandillac (Frankfurt, Surhkamp, 1962; tradução alemão: 1951).

XXVI- Dilthey, Wilhelm (1833 - 1911); *Hegel e o Idealismo*. "v t c f w ± q" g " g r ¶ n q i q " G w i g p k q " ~ o tura Económica (FCE), 1956, 2ª edição, 315 pp (1ª edição em Alemão, G.Misch editor, 1913) pág. 234 sq.

XXVII- Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770- 1831) < *La Phénoménologie de l'Esprit* ö óTome I e Tome II, Paris, Aubier, 1939 (Tome I), 358 pp.; 1947 (Tome II), 359 pp.; Trad. Por Jean Hyppolite (Ed. Lasson óJ. Hoffmeister, W. II, 4º ed., 1937), título " g o 'Dē Hgenōmētoōgiōdes Geistes ö 0 "

XXVIII- Cohn, Gabriel (1938) < *Crítica e Resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber* ö . " U - q " R c w n q . " V 0 C 0 S editor, 1979, 161 págs. Ver as págs.115 sq.

XXIX- Aron, Raymond (1905 - 1983): "Les Étapes de la Pensée Sociologique" Montesquieu, Comte, Marx, Tocqueville, Durkheim, Pareto, Weber, Paris, Gallimard, 1967, 659 pp. pág.546.

XXX- Freund, Julien (1921 - 1988); *Sociologia de Max Weber* ö . " v t c f 0 " E n ^ a w f k q " f g " E c u v t q . " T k q " f 218pp. (1ª edição em Francês, Paris, PUF, 1966). Cf. ps.140 / 141.

XXXI- Na época correspondente às sociedades que inauguram o capitalismo, incluindo a chamada "cultura" dos séculos XVII e XVIII, se assiste à vitória do natural sobre o sobrenatural, da razão sobre toda a crença, como ao crescimento do individualismo

vilização e da mentalidade própria dessa sociedade no seu apogeu faz o homem confiar no seu êxito e no das suas empresas técnicas e industriais.

XXXII- Para mais informação sobre messianismo e milenarismo na história social vejam Lumier, Jacob (J.) (1948) *O Tradicional na Modernização: Leituras sobre Ernst Bloch* (Coleção de Artigos), book Monográfico, Maio de 2009, pdf 130 págs. (A) <http://www.oei.es/cienciayuniversidad/spip.php?article277>

XXXIII - Ver Wright Mills (1916 ó1962) - q t i M a x W e b e r : *Ensaios de Sociologia* ö op. 'cit. págs. 318 sq; págs.409 sq

XXXIV- A compreensão histórico sociológica weberiana da estrutura mental da teodiceia e da vida religiosa como impondo a " concepção metafísica de D e inegavelmente consistente o hegelianismo e o espiritualismo conservador que, desta forma, p a s s a ter lastro na psicologia coletiva.

XXXV- Sobre a esperança histórica filosófica no quadro do messianismo e milenarismo, veja a mencionada obra de Lumier, Jacob (J.) (1948): *O Tradicional na Modernização: Leituras sobre Ernst Bloch* (Coleção de Artigos), Internet; E book Monográfico, Maio de 2009, versão pdf. 130 págs. Link: <http://www.oei.es/cienciayuniversidad/spip.php?article277>

XXXVI- Mannheim, Karl (1893 ó1947): *Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento*, op. cit. p.178 a 189.

XXXVII- Gurvitch, Georges (1894 ó 1965) : " Problemas de Sociologia do Conhecimento", In Gurvitch (Ed.) *Tratado de Sociologia* Vol. 2", Trad: Mar. José Maria Alberto Ferreira, Iniciativas Editoriais, Porto 1968, págs.145 a 189 (1ª edição Em Francês: PUF, Paris, 1960).

XXXVIII- Habitat este descoberto e estudado em seu isolamento milenar pelos etnólogos desde a segunda metade do século XIX, como o modelo científico de origem das formas de vida em sociedade.

XXXIX- Gurvitch, Georges (1894 ó 1965) *Problemas de Sociologia do Conhecimento* In Gurvitch (Ed.) *Tratado de Sociologia* Vol.2 , op. cit. p. 149

XL- Mais informação: Lumier, Jacob (J) [1948] *Tratado de Sociologia do Conhecimento* Texto 02 Comentários Críticos

---

e Observações de leitura em continuação ao Texto 01, Editor: Bubok Publishing S.L.Madrid, Agosto 2013, 132 págs. Versão epub (free):<http://www.bubok.es/libros/227287/Curso-de-Sociologia-do-ConhecimentoTexto02>

XLI- Stark, Werner (1903 ; : *Los Antecedentes de la u q e k q n q i ¶ c " f g h K E q p q e q p k g His q q t i c p k tória y Elementos de la Sociología del Conocimiento ótomo I ø . "* c t v k i q " g z v t c ¶ f j q " " U g " e U q a t m { Y " q h " ð M p q Glencoe, Illinois, The Free Press, 1958 ; tradução Arturo Napolitano, Buenos Aires, EUDEBA, 3ª edição, 1974, pp.3 a 23 (1ª edição em castelhano, 1964).

XLII- Ibid., ibidem, pág.7

XLIII- Como sabem, nessa teoria espiritualista de Karl Mannheim, a identificação da sociedade em a priori axiológico que é causa final funciona em contrapartida da corrente de intelectuais chamados para atuar acima dos interesses e dos grupos, cuja destinação especial seria a criação de um foro diferencial, definido em relação às amarras sociais. Por essa razão, os intelectuais sem amarras alcançariam a mais autêntica capacidade pedagógica: o ensino de uma medição como a plena saber, imaginada indispensável para salvaguardar a perspectiva do todo e o interesse pelo todo. A identificação da sociedade em a priori axiológico que é causa final torna coerente a atribuição de capacidade especial ou mediação aos intelectuais sem amarras para salvaguardar a perspectiva do todo e o interesse pelo todo. *(do na teoria de Karl Mannheim é um todo espiritualista hegeliano).*

XLIV- Como sabem, a ideia de um Eu genérico idêntico em todos tem procedência na filosofia do século XVIII através da vontade geral de Rousseau e da intuição transcendental de Kant e chega até a sociologia em préconceituações inconscientes nas projeções de uma estrutura lógica na base das sociedades e de projeções espiritualistas semelhantes, como a identificação da sociedade em a priori axiológico

XLV- Vejam as duas últimas notas anteriores.

XLVI- Gurvitch, Georges (1894- 3 ; 8 *Los Mdrçõs Socia-  
les del Conocimiento* ö . " Mário Giacchino, Monte Avila, Ca-  
racas, 1969, 289 pp. (1ªedição em Francês: Paris, Puf, 1966).

XLVII- Configurando um fenômeno de psicologia coletiva,  
a consciência burguesa como tipificada na mentalidade dos  
economistas estudados por Karl Marx e consciência  
mistificada ou ideológica porque está impregnada pelas re-  
presentações características de um período particular da so-  
ciedade em que a primazia cabe às forças materiais. Ver Gur-  
vitch, Georges (1894- 6 5A) *Vocação Actual da Sociologia*  
*óvol.II: antecedentes e perspectivas* ö . " v t c f w ± - q " f c " 5 B g f k ±  
cesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp.  
(1ªedição em francês: Paris, PUF, 1957): pág. 347 sq.

XLVIII- Gurvitch, Georges (1894-1965): *ã Vocação Actual*  
*da Sociologia óvol.II*, op.cit.págs.294/5.

XLIX- Stark, Werner (1909 ó1985): *Los Antecedentes de la*  
*sociología del Conocimiento* ø . " k p " J q t q y k v | " \* q t i c p k |  
toria y Elementos de la Sociología del Conocimiento ó v q o q " K ø . "  
op.cit.pág.10.

L- Dentre as posições dogmáticas do marxismo, notam o  
domínio supostamente heterogêneo da luta de classes, que  
aconteceria no exterior da consciência coletiva e sob o con-  
ceito de dominação, situado para além da realidade social.

LI- McLennam, Gregor; Molina, X k e v q t = " R g e o - g t u . " T q { <  
*ria de Althusser sobre a Ideologia* ø . " v t c f w ± - q " T k v c " N k o c  
tre For Contemporary Cultural Studies da Universidade de Bir-  
o k p i j f c c p " < K " f ÷ g, Rio de Janeiro, Zahar, 1980, pp.101 a  
137 (1ªedição em Inglês: Londres, Hutchinson, 1978). pág.118.

LII - ib.p.117.

LIII - ib.p.128.

LIV- Lukacs, George (1885 1971) ÷ *O c t z " { " Y g d g t < " t g h n*  
*q p g u " u q d t g " n c " f g e, in H g r o w i t z, A r w i n L. f g " n c " k f g*  
*<Historia y Elementos de la sociología del conocimiento-tomo*  
*I ø " . " c t v k i N w " m g c z e v u t . c " k l f < q " " ÷ M g c " t n " O c t z " w p f "*  
*i g n u " c n u " N k v g t c v w t j k u v q t k m g t ø . " D g t*



Carlos Guerrero, Buenos Aires, Eudeba-editora da universidade de Buenos Aires, 3ª edição, 1974, pp.49 a 55.

LV- ib.p.53

LVI- I w t x k v e j . *Los Mergast Séciglas del Conoci- miento* ö . " **Mário Giacchino**, Caracas, Monte Avila, 1969, 289pp (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1966), pág. 42.

LVII- Ver Gurvitch, Georges (1894- 3 ; 8 *A Vocação Ac- tual da Sociologia* óvol.II: *antecedentes e perspectivas* ö . " v t c f w / ção da 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957): p. 347 sq.

LVIII- Mauss, Marcel (1872- 1950) < *Sociologia e Antro- pologia- x q n 0 K* ; São Paulo, EPU Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 1974, 240pp.e 331pp., respectivamente (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1950).

LIX- Marx, Karl (1818- 3 : : *Rascanhoã Contribuição à Crítica da Economia Política* ö " \* ð I t w p f t k u g 0 0 ö 0 - " r I w t x k v A Vpcação IA Oulã ãla *Sociologia* óvol.II: *antece- dentes e perspectivas* ö . " v t c f w ± ^ q " f c " 5 ß g f k ± ^ q " l por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

LX- A par das condutas habituais e regulares conformadas aos deveres e normas, na realidade dos fatos a moralidade admite, encoraja, tolera, aconselha propõe. Portanto, existem as virtudes sublimes do *sage* (o circunspecto), do estóico, do santo, do ho- mem prudente, do homem honesto, do cidadão, como imagens- simbólico- k f g c k u < " ð v c k u n g u e n k p e n s a v e n f c g n u " u w d n k o g siderá- n c u " v q f c u " e q o q " k p f k u r g p u ^ x g k u ð = como um exercício obrigatório, a sociedade propõe-nas aos seus o g o d t q u " e q o q " w o " e w o g " s w g " p g o " u g o r t

LXI- O sociólogo admite como adequado o termo sartreano “campos prático-inertes” para referir a base morfológica da vida social, incluindo a instrumentalização da realidade material com toda a aparelhagem técnica que circunda o ho- mem e, mais amplamente, todas as expressões exteriormente perceptíveis dos produtos humanos. Trata-se de maneiras de

---

existir fora de si, como mediação entre a matéria aberta e o humano, mediação que é ao mesmo tempo objetivação alienada. Ver Gurvitch, Georges: "*Dialectique et Sociologie*", Paris 1962, 312 pp., Col. Science.

LXII- Ver: Habermas, Jürgen (1929-): "*Théorie et Pratique* - vol.2", 238 pp. /1ª edição em Alemão, 1963. Cf. págs.. 208 a 211.

LXIII- Gurvitch, Georges (1894-1965): "*A Vocaçã Actual da Sociologia* - vol.II: antecedentes e perspectivas", 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

LXIV- Gurvitch, Georges (1894-1965) < "*Dialectique et Sociologie* ", 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

LXV- I w t x k v e j A Vocaçã Actual da Sociologia - vol.II, op.cit. pág. 279.

LXVI- Ibidem, pág. 290.

LXVII- Ibidem, pág. 322.

LXVIII- Mannheim, Karl (1893-1947): "*Ideologia e Utopia: uma introdução à sociologia do conhecimento* », tradução Sérgio Santeiro, revisão César Guimarães, Rio de Janeiro, Zahar editor, 2ª edição, 1972, 330 pp. (1ª edição em Alemão, Bonn, F.Cohen, 1929; 2ª edição remodelada em Inglês, 1936).

LXIX- Ver sobre a consciência mistificada o capítulo deste livro intitulado "*Ideologia e Sociologia do Conhecimento*".

LXX- Inclusive nas sociedades inteiramente penetradas pelo mito, como o são as sociedades arcaicas.

\*\*\*